

Mega-eventos e letramentos de arte-ativismo: Práticas de estêncil, intervenções de frase e interligações entre protestos no Rio de Janeiro

Mega-events and arts-activist literacies: Stencil practices, phrase interventions and interconnections between protests in Rio de Janeiro¹

JAMIE DUNCAN

Universidade de Lancaster, Lancaster – Reino Unido

RESUMO

O Brasil tem uma história distinta de letramentos de arte-ativismo, que remonta especialmente às contestações da ditadura militar de 1964 a 1985. Ligando este contexto aos movimentos sociais de 2013 e 2014 que contestaram os impactos dos 'megaeventos' globais no Rio de Janeiro, este artigo centra-se em uma chamada campanha de 'decoração de ruas anti-Copa,' realizada em vários locais, com destaque aqui para o Complexo de Favelas da Maré. Nas ações de campanha descritas, nomes e retratos pessoais aparecem centralmente como símbolos de protesto, disseminados através de uma ampla gama de práticas arte-ativistas, mas especialmente, através do uso de estêncil.

PALAVRAS-CHAVE

Etnografia, arte-ativismo, letramentos, estêncil, protestos

ABSTRACT

Brazil has a distinctive history of arts-activist literacy practices dating back to contestations of military dictatorship from 1964 to 1985. Linking this background to social movements in 2013 and 2014 contesting the impacts of global 'mega-events' in Rio de Janeiro, this article focuses on a so-called 'anti-World Cup street decorating' campaign realized across multiple sites including the Maré favelas. In the campaign actions described, names and personal portraits appear centrally as symbols of protest, disseminated through a wide range of art-activist practices, but especially through the use of stencil.

KEYWORDS

Ethnography, art-activism, literacies, stencil, protests

A Copa do Mundo da FIFA, Cultura Popular e Criticalidade

Desde a primeira das cinco vitórias do Brasil, a Copa do Mundo da FIFA tem sido um evento nacional amplamente comemorado, onde o futebol ocupa um lugar de destaque na vida cotidiana. Faz parte dessas comemorações as decorações de rua com as cores e temas da Bandeira Nacional e do uniforme oficial da seleção. Decorações assim são comuns de se encontrar no Rio de Janeiro na época do evento, muitas vezes de forma exuberante nas favelas.

¹ Este artigo é uma tradução e adaptação de um capítulo do livro "Researching Protest Literacies" de autoria deste autor, publicado em 2021 pela Routledge.

Como um estrangeiro morando no país, minha primeira experiência com a Copa do Mundo no Brasil foi em 2006. Quase dez anos depois, entre 2013 e 2014, pesquisando arquivos do *Jornal O Cidadão*, um jornal comunitário do Complexo de Favelas da Maré, encontrei uma matéria sobre as decorações de rua na Maré em 2006. Além das decorações, a matéria começou descrevendo uma gama de práticas culturais populares relacionadas à arte urbana, comida, música e observação coletiva de jogos em residências e praças públicas.

No entanto, nos trechos seguintes, o foco mudou para uma série de relatos críticos, incluindo opiniões de jornalistas, pesquisadores, professores, treinadores de futebol e moradores. Entre outros assuntos postos aqui, essas pessoas apontaram o “acordo que envolve milhões entre a Globo e a FIFA [...]; um nacionalismo vazio, mobilizado pelos grandes meios de comunicação; [e como] na Copa, a gente esquece de política, [ajudando] a quem gosta de empurrar as coisas para debaixo do tapete” (Jornal o Cidadão, 2006, p. 12-13). Foi destacado também como isso é pertinente nos anos eleitorais, cujo período coincide com o ciclo de quatro anos das Copas do Mundo da Fifa.

Para além dessas críticas, a matéria também sugeriu como a Copa do Mundo poderia ser, idealmente, um evento que impulsiona a população brasileira a perguntar “que país é este que é campeão de futebol e, também, campeão da desigualdade social?” E ainda, de forma retórica: e se “toda esta mobilização [para a Copa] fosse para outros assuntos, como saúde e educação?” (*ibidem*). Considerando que não encontrei notícias sobre mobilizações anteriores contra eventos da Copa do Mundo no Brasil, essa matéria de 2006 marca um ponto inicial local de uma trajetória de críticas à Copa – desde práticas comerciais que beneficiam oligarcas, até formas de manipulação política – que, anos depois, se transformariam em protestos. Ao mesmo tempo, demonstra continuidades e mudanças concretas na Maré, relativas à arte e o ativismo – como descreverei.

Expandindo para uma perspectiva mais ampla, essas práticas críticas da Maré interagiram com outros locais, públicos e práticas. Partir de uma perspectiva local, para o Rio, o Brasil e o mundo, pode ajudar nossa compreensão sobre os protestos históricos em 2013 e sua memória cultural complexa. Tais perspectivas questionariam, por exemplo, certas análises (Carlotto e Altman, 2023), que se referem a esses protestos como movidos apenas por interesses da direita na época, ou como

tendo um caráter aleatório, sem reivindicações específicas.² À medida que passamos da retórica política, para os detalhes situados, biográficos, etnográficos e históricos, fica evidente deficiências da homogeneização macropolítica. Dessa maneira, tal abordagem torna-se uma espécie de *resistência contextual* (Duncan, 2024) oferecendo relatos que problematizam narrativas dominantes.

A matéria do *Jornal O Cidadão* em 2006, foi escrita coletivamente por algumas das mesmas pessoas³ que organizariam campanhas e protestos em 2013 e 2014 contra os impactos associados à Copa do Mundo no Brasil. Como ponto de partida, oferece um de muitos exemplos disponíveis que mostram como alguns movimentos sociais envolvidos em protestos em 2013 vieram de longas trajetórias de mobilização social (Vainer *et al.* 2013), (Gohn, 2014), (Duncan, 2021), (Alonso, 2023). Foi anterior à nomeação oficial do Brasil como sede da Copa do Mundo de FIFA 2014 e dos Jogos Olímpicos de 2016. Foi também anterior ao surgimento dos dois temas que virariam as principais pautas em protesto pelos movimentos sociais de favelas no Rio entre 2013-2014: (i) o novo projeto de ‘pacificação’ no Rio, instalando policiamento militar dentro das favelas a partir de 2008 (Brito; Oliveira 2013), e (ii) o início de um novo e amplo programa municipal de ‘remoções’ em favelas no Rio desde 2009 (Faulhaber; Azevedo, 2015).

Neste texto, concentro-me nos percursos de contestações de movimentos sociais no Rio durante o começo da Copa do Mundo 2014. O foco empírico tomado são as práticas de estêncil e trajetórias de ‘intervenções de frase’ no Centro e nas favelas da Maré que fizeram parte do ativismo-artístico em 2014, conectando com 2013 e além. Ambas são situadas num *ciclo de protesto* caracterizado por uma “onda crescente e depois decrescente de ações e reações coletivas interrelacionadas” (Tarrow, 1993, p. 287), contestando ‘megaeventos’, ‘remoções’ e policiamento de ‘pacificação.’

² Estas frases foram utilizadas pelo Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, entrevistado na TELESUR, em 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mxjeaqjbzKI>

³ Entre essas pessoas, destacam-se Renata Souza, editora do *Jornal O Cidadão* em 2006, eleita Deputada Federal pelo PSOL em 2018; e Gizele Martins, da equipe de reportagem em 2006 e depois editora do jornal entre 2008-2014, além de jornalista e militante conhecida pelo seu trabalho nos movimentos de favelas.

Intervenções de frase e letramentos de arte-ativismo

Este termo, intervenções de frase, ouvi utilizado pelo curador e teórico de arte Luiz Camillo Osório, durante uma aula que ele deu no *Ocupa Câmara*⁴ no Rio em 2013. Osório usou esse termo explicando a história de trabalhos de arte-ativismo de Cildo Meireles, Antonio Manuel, entre outros artistas, durante a ditadura brasileira (1964-1985), onde mensagens escritas transgressoras foram disseminadas em formas que depois se tornariam icônicas e canônicas (Calirman, 2012). Além dos slogans, palavras de ordem e outros exemplos comuns de tal comunicação verbal, também houve usos iconoclastas de formas visuais de arte, incluindo técnicas de estampagem e estêncil, implantadas para marcar as mensagens de dissidência em itens de uso diário como garrafas de refrigerantes, notas de dinheiro e jornais.

⁴ Ocupa Câmara Rio foi um acampamento político, realizado entre 9 de Agosto e 15 de outubro 2013, na Câmara Municipal do Rio de Janeiro, seguindo o estilo do movimento mundial de Occupy desde 2011 (Harvey *et al.*, 2012). A ação inicial criticou a escolha do presidente e as propostas de uma CPI sobre transporte de ônibus no Rio. Além disso, a Ocupa Câmara iniciou uma assembleia popular, aulas públicas e grupos de trabalho que abordaram uma ampla gama de questões.



Figura 1: Cartaz para as aulas públicas na Ocupa Camera, na Câmara Municipal do Rio de Janeiro, setembro de 2013. Fotografia: Jamie Duncan.

Na palestra, Osorio demonstrou que havia certas influências desses trabalhos, nas práticas de arte-ativismo naquele momento em 2013. Os primeiros exemplos das intervenções de frase ilustradas nesse artigo demonstram uma trajetória, mudando das tradições culturais populares, decorando as ruas para a Copa do Mundo da FIFA, em direção a uma nova versão, realizada em 2014, as chamadas 'decorações de rua anti-Copa'.

Da perspectiva da antropologia da escrita (Street; Besnier, 2004) (Street, 2008), tais intervenções de frase seriam entendidas como uma *prática de letramento*, ou seja, envolvendo uma convergência de formas, funções, valores, crenças e significados, situadas em contextos culturais, e as relações de poder respectivas.

Letramentos de arte-ativismo, são tais práticas sociais de escrita e leitura que informam e interligam arte e ativismo. Como demonstrarei, estes letramentos aparecem frequentemente nas atividades de movimentos sociais, envolvendo uma gama de componentes artísticos “conectados com o texto verbal, mas de forma alguma dependente dele: e da mesma forma o contrário” (Kress; Van Leeuwen, 1996, p. 17).

Decorações de rua anti-Copa no Rio

Em maio de 2014, cerca de três semanas antes do início da Copa do Mundo, decorações de rua anti-Copa começaram a aparecer no Rio, principalmente na forma de grafite e arte de rua. Embora exemplos de grafite e arte de rua com mensagens anti-Copa já existissem na cidade, este foi um processo mais coordenado. Ouvi pela primeira vez que ia acontecer por meio de assembleias populares⁵ no Centro, das quais participei durante 2013 e 2014. Duas delas faziam a sua própria campanha de decorações de rua anti-Copa. A ideia já tinha sido promovida anteriormente, em um nível nacional, por uma página no *Facebook* denominada de *Movimento de Decoração Anti-Copa*.⁶ Pouco depois, no Rio, a mesma ideia foi proposta, de uma forma ligeiramente modificada, por um chamado ‘coletivo de coletivos,’ que colaboraria contestando a Copa do Mundo de 2014. O *Ocupa Copa* foi formado por participantes de diversos movimentos sociais e coletivos artísticos cariocas, organizando atividades e campanhas principalmente por meio de mídias sociais, mas também reunindo-se presencialmente no Centro da cidade.

Utilizando a metáfora da viralidade intimadamente associada com os movimentos de *Occupy* (Harvey *et al.*, 2012) e seus usos de redes sociais (Juris, 2012) para intensificar atos de protesto em todo o mundo nessa época, a introdução do *Ocupa Copa* publicada no seu *Facebook*, resumiu que, para esse coletivo, “a proposta é utilizar a arte como método de ação nas ruas e nas redes para contagiar a Copa do Mundo de 2014 com as pautas dos movimentos populares”.⁷ Pouco depois

⁵ Reuniões públicas que organizam ações coletivas (Bookchin 2015).

⁶ <https://www.otempo.com.br/hotsites/copa-do-mundo-2014/movimento-reune-pichacoes-e-arte-contra-a-copa-do-mundo-no-brasil-1>

⁷ https://www.facebook.com/profile.php?id=100071274571727&sk=about_details



Figura 3 Parafernália anti-Copa; selos de tinta, dinheiro carimbado. Fonte: Atelier de Dissidências Criativas da Casa Nuvem.

Embora a arte contra a ditadura de Cildo Meireles, Antonio Manuel e outros tenham se tornado canônicas na arte contemporânea brasileira, entre 2013 e 2014 esses procedimentos foram retomados nos protestos e campanhas em torno da Copa do Mundo de 2014 com certas especificidades, conforme ilustrado nas Figuras 3 e 4, durante um momento nacional e global complexo de grandes mudanças e protestos.⁸

Nos exemplos de artefatos na Figura 4, tem um aspecto estilístico que pode ser visto em grande parte da parafernália anti-Copa, conferindo-lhe uma estética distinta da época. Havia uma combinação de pautas dos movimentos de favelas no Rio, que seriam representados como uma espécie de *realismo visceral* (Faltis, 2012). Ou seja, retratos cotidianos intensificados por emoções viscerais em relação à injustiça social. Mas houve ainda uma mudança para uma estética de *carnevalização*, nos sentidos mais transgressivos deste termo (Bakhtin, 1984). Isto pôde ser visto, por exemplo, na incorporação satírica de símbolos e práticas culturais populares brasileiras, como nos usos do uniforme da seleção de futebol nacional e desfiles festivos, mas adaptados e sobrescritos de modo a conter nomes e temas em protesto ligados com favelas. A Figura 4 demonstra isso, onde, nas camisas da seleção, em vez do nome e número de um jogador de futebol brasileiro, apareceu o

⁸ Entre 2010-2014, exemplos de movimentos de protestos globais incluem: a Primavera Árabe, o movimento mundial de Occupy, os Protestos de Neve na Rússia, 15M na Espanha, Gezi Park na Turquia e Black Lives Matter nos EUA. Conexões com esses movimentos e os protestos de 2013 no Brasil são discutidas por Castells (2013) e Gohn (2014), entre outros.

nome de um morador comum de uma favela, 'Amarildo' Dias de Souza. Acrescentando aqui o sentido mais transgressivo, esse nome foi acoplado ao número '-1', representando sua morte nas mãos da polícia numa favela pacificada no Rio. O caso de Amarildo ocorreu em 13 de julho de 2013. Tratou-se do desaparecimento, tortura e morte de um pedreiro de 43 anos, nas mãos de policiais da UPP em uma favela 'pacificada' chamada Rocinha.⁹



Figura 4 Parafernália anti-Copa; camisa de futebol, adesivo de futebol, meme. Fonte: Ocupa Copa.

Como pode ser visto na Figura 4, essa camisa de futebol modificada, também fez parte de mais dois artefatos. O primeiro foi uma série de adesivos de futebol anti-Copa produzidos por ativistas no Rio, ironizando aqueles de jogadores tradicionalmente coletados durante a Copa do Mundo. O segundo, no formato texto-digital, funcionou como uma série de memes, circulados nas redes sociais. Pode ser destacada aqui uma *cadeia* de atividades textuais interagindo (Fairclough, 2003) e implicitamente suas múltiplas trajetórias em convergência, nesse caso disputando a Copa do Mundo de 2014 e as controversas relacionadas. De forma *multimodal* (Kress, 2010), tais interseções recorrentes de determinadas palavras, números, imagens, cores e layouts serviram para produzir *paralelismos visuais* (Van Leeuwen, 2015)

⁹ <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/caso-amarildo/noticia/caso-amarildo.ghtml>

compondo sua interconectividade, enquanto são vistos e experimentados, como parte de práticas de protesto. As decorações anti-Copa surgiram como parte de tais processos criativos e transgressores, que formavam e marcavam um momento social, político e artístico vibrante no Rio.

Embora a escrita de nomes como intervenções fraseológicas na Figura 4 tenha esse sentido modificado de carnavalização, são aludidas duas referências históricas importantes que permanecem. Em primeiro lugar, há uma alusão aos movimentos sociais e famílias que fizeram campanhas para ‘pessoas desaparecidas’ durante os anos de ditadura no Brasil e na América do Sul, principalmente, por volta de 1960 a 1980 (Bouvard, 1994). Em segundo, uma referência mais próxima, aos movimentos de favelas que contestaram a violência policial e ‘pessoas desaparecidas’, especialmente nos anos 1990 (Nobre, 1994). Ambas as práticas de escrita fazem parte da memória cultural dos movimentos sociais de esquerda no Rio, fornecendo quadros de referência para práticas semelhantes em 2014.

Focando agora em intervenções de frase em favelas em 2014, vale destacar manifestações como essa da Figura 4 com a escrita do nome do ‘Amarildo.’ São tais nomes como símbolos de protesto na decoração anti-Copa que discuto a seguir – mas dessa vez, os exemplos são nas favelas da Maré.

Decorações de rua anti-Copa na Maré

Em 5 de junho de 2014, recebi uma filepeta online (Figura 5), promovendo um evento de decoração anti-Copa nas favelas da Maré. Este evento seria uma versão local na Maré do ‘Concurso’ do Ocupa Copa promovendo ‘... A Rua Mais Crítica da Cidade’. Alguns ativistas da Maré tinham recebido o convite divulgado pelo Ocupa Copa e desenvolveram a ideia localmente. Postado pelo *Facebook* do Jornal O Cidadão e outras páginas dos movimentos sociais locais, a escrita nesse convite foi sobreposta digitalmente à foto de um dos exemplos anteriores de decoração de rua anti-Copa – o mesmo exemplo da Figura 2. Discutindo a intertextualidade, Scollon (2008, p. 243) resume que “todos os textos falam em resposta [de textos anteriores, mas também] em antecipação dos textos subsequentes.” Olhando para trás, esta filipeta promoveu um evento, e a imagem que formou seu pano de fundo continuou diretamente a trajetória de textos de decoração anti-Copa que descrevi até agora.

Olhando para frente, simultaneamente, chamou à criação de mais decorações de rua anti-Copa e outras atividades de protestos por vir, num contexto e momento específico.



Figura 5: Filipeta postada pelo Facebook do Jornal O Cidadão, 6 de junho, 2014.

Embora nessa época de 2014 tenha havido uma ampla gama de mobilizações de movimentos sociais no Rio e no Brasil que disputaram a Copa do Mundo (Jennings *et al.*, 2014), (Lima; Borges; Durante, 2015), o cenário nas favelas da Maré era distinto. Três meses antes, em 5 de abril 2014, uma ocupação militar teve início na Maré, liderada pelo exército brasileiro, com poderes de patrulha, inspeção e prisão estendidos aos soldados, agora trabalhando dentro desse complexo de favelas. Promulgada por meio de legislação federal conhecida como GLO (Garantia da Lei e da Ordem), conforme pedido do então Governador do Rio, Sérgio Cabral e autorizado pela então Presidenta brasileira Dilma Rousseff, esta foi uma operação em grande escala, com 2.700 soldados – ou aproximadamente 1 para 55 residentes¹⁰– apoiados por tanques, helicópteros e outros aparelhos militares (Figura 6). Esta operação teve dois objetivos oficiais interligados. O primeiro foi garantir a ‘segurança pública’ durante

¹⁰ <https://oglobo.globo.com/rio/forcas-armadas-entram-no-complexo-da-Maré-neste-sabado-com-2700-homens-12080418>

a Copa do Mundo de 2014, que deveria começar três meses depois, em junho de 2014. O segundo era garantir a segurança da área para que a *UPP (Unidade de Policiamento Pacificador)* pudesse ser implantada permanentemente na Maré logo depois. O nome oficial para esta operação foi *Força de Pacificação do Exército*, e foi o ponto de partida para a implantação da ‘pacificação’ das favelas da Maré.



Figura 6 Entrada da Força de Pacificação do Exército na Maré, no dia 5 de abril 2014. Fotografia: Jamie Duncan.

Entre maio e abril de 2014, em resposta à chegada da Força de Pacificação do Exército, os movimentos sociais na Maré organizaram uma série de ações coletivas. A primeira de várias manifestações planejadas por movimentos locais contestando a presença da Força de Pacificação do Exército na Maré, e a Copa do Mundo da FIFA por associação, ocorreu nas ruas da Maré, no mesmo dia da entrada do Exército (Figura 7).



Figura 7 Cartazes de protestos contra Força de Pacificação do Exército na Maré e a Copa do Mundo de 2014, no dia 5 de abril de 2014. Fotografia: Jamie Duncan.

Três meses depois, no dia 14 de junho de 2014, o próximo evento organizado na Maré que contestou publicamente a Força de Pacificação, foi a realização local da decoração de rua anti-Copa – conforme lembrado abaixo por uma das organizadores, Gizele Martins.

A gente fez na Maré um evento anti-Copa, que aí era grafitar muros, o próprio chão. E aí, a gente relembrou um ano da Chacina da Maré [uma operação policial em junho de 2013]. Primeiro, a gente marcou o grafite para as 10 horas da manhã. Os primeiros a chegarem foi um carro com mais de 12 soldados do exército perguntando o que teria ali. A gente falou que ia arrumar a rua para uma festa de quinze anos. [Mas eles responderam] “É mentira, porque vocês estão divulgando por aí que é um evento anti-Copa, que é um evento contra o exército.” [Então, falamos para eles] “É, gente, é mentira de

vocês.” Aí a gente reuniu os moradores, as crianças, e foi muito interessante. Por quê? Porque a gente começou a fazer o grafite, o muralismo. Enfim, a gente começou com uma atividade contra a bandeirinha [do Brasil, pintando frases em cima dela], no início da rua, uma rua enorme onde começou a Chacina da Maré no ano passado. E aí no início era, “Ei tia, não vamos pixar a bandeira do Brasil não, vai ficar feia,” e “Poxa, não, a gente tem que ter respeito, né?” E assim, foram umas 30 crianças, de dois anos a adolescentes, e adultos, mães. E aí a gente conversou com as mães, “Não briguem com as crianças, porque elas vão sair daqui bem cheias de tinta, então não briguem com elas.” Então a gente fez esse acordo com as mães e os pais. E aí, no meio da rua, quando a gente já estava fazendo o grafite pela rua, a gente já estava lá vendo uma outra discussão com essas crianças. As crianças estavam colocando no chão, RESPEITEM O POVO, VIVA A MARÉ, VIVA A FAVELA, MARÉ RESISTE [...] Enfim, já veio também uma outra discussão. Ou seja, colocar a arte também como serviço daquilo que a gente acredita, né? Como formação política também. (Excerto de conversa com Gizele Martins em 2014 sobre o evento de decoração anti-Copa na Maré, no dia 14 de junho de 2014).

Estênceis e Nomes, Textos e Laços

O evento na Maré expandiu meu interesse para o papel e histórico do estêncil nas artes e nos movimentos sociais. Trata-se de uma técnica clássica da arte urbana, com raízes no Egito e na China. Consiste em criar máscaras de palavras ou desenhos que funcionarão como matrizes, permitindo múltiplas impressões das imagens produzidas. Pela praticidade, o estêncil é rapidamente difundido entre ativistas, no intuito de ampliar e autonomizar as possibilidades de ação (Carlsson; Louie, 2015). Ou seja, é um procedimento artístico não necessariamente executado por artistas.



Figure 8 Estêncil anti-Copa em ruas e roupas, incluindo nomes e temas. Fonte: Jornal O Cidadão.

Conforme ilustrado na Figura 8, uma técnica do estêncil utilizada na decoração anti-Copa na Maré no 14 de junho de 2014 foi a gravação de nomes. Tais

nomes foram (re)produzidos, repetidamente, por meio de moldes ou ‘máscaras’ feitos de folhas de papelão ou plástico, desenhadas e recortadas em preparação. Depois, as palavras foram pintadas com spray, sobre fundos de camisas de futebol que tinham sido pintados com rolo nas ruas e paredes, bem como sobre camisas de tecido no caso das roupas.

A escrita nesses estênceis incluía: o nome de um caso (‘Chacina da Maré’); dois nomes pessoais (‘Amarildo’ e ‘Claudia’, assassinada em contexto semelhante ao do Amarildo, que será explicado mais a frente); e dois temas sócio-políticos mais gerais (‘Educação’ e ‘Saúde’). Esses nomes e temas foram acoplados também com os respectivos números em negativo (‘-1’, ‘-9’, ‘-10’) vistos na imagem, que se referiam a números de pessoas mortas pela polícia no exemplo dos nomes, ou uma espécie de avaliação irônica observada no caso dos temas. Em termos temáticos, a necessidade de exigir melhor educação e saúde era transparente, onde estes eram vistos como precários, especialmente enquanto o financiamento público estava sendo gasto na realização da Copa do Mundo. Mas por que esses outros três nomes, em particular, foram produzidos e projetados juntos por meio de estêncil? E qual foi a relevância disso ter sido feito durante a Copa do Mundo de 2014, bem como no novo contexto da pacificação da Maré? As respostas a estas perguntas nos ajuda a lembrar conexões entre os protestos de 2013 e as campanhas anti-Copa de 2014.

Referindo primeiramente ao período da Copa do Mundo entre junho e julho de 2014, esses estênceis da Chacina, do Amarildo e da Claudia, utilizados na Maré no dia 14 de junho de 2014, tornaram-se os primeiros de vários exemplos desses três nomes aparecendo juntos durante o torneio. Em suas co-presenças materializadas por meio de estêncil, a agregação e união desses nomes como símbolos de protesto sugeriu um tipo de *condensação simbólica* (Sapir, 1934) (Turner, 1969). Ou seja, há aqui a conjunção dos nomes da Chacina da Maré, Amarildo e Claudia, interligando e condensando suas histórias e respectivos temas. Mas, antes mesmo do início da Copa, entre 2013 e 2014, esses três nomes já tinham se tornado símbolos de protesto para movimentos sociais no Rio. Portanto, a reescrita de seus nomes na Maré em 2014, também, evidenciou uma *trajetória semiótica*, em direção a essa condensação de significados e afetos relacionados. Esse conceito de trajetória baseia-se em noções de *entextualização* e *recontextualização* (Bauman; Briggs, 1990), onde os fluxos de atividades são acompanhados e mediados por uma

“interação contínua de texto, contexto e avaliação da qual emerge o que pensamos como textos” (Collins, 2003, p. 35). Os texto-artefatos, como no caso dos estênceis, quando eles se materializarem, servem como *junções* (Kell, 2009) entre espaços e tempos.

Os três nomes escritos através de estêncil na Maré em 2014 se referiam a casos de assassinatos de moradores de favelas pela polícia. No entanto, considerando o alto índice de homicídios realizado pela polícia nas favelas e periferias do Rio, vale perguntar por que justamente esses três nomes em particular foram reproduzidos como estênceis, se tornando centrais nas campanhas contra a Copa?

Os estênceis da Chacina da Maré e do Amarildo, além de serem textos de protesto, também foram textos de memorial. A Copa do Mundo de 2014 coincidiu com o aniversário desses dois casos que tinham ocorrido um ano antes, de junho a julho de 2013. Esse aspecto de memorial foi deixado explícito nas filipetas dos organizadores, mobilizando o público tanto para o evento de decoração anti-Copa na Maré, no dia 14 de junho de 2014, quanto para uma série de manifestações organizadas por movimentos das favelas para ocorrer depois, entre junho a julho de 2014. Entretanto, esta prática memorial não explica como esses nomes passaram a ter um perfil destacado, antes mesmo de suas trajetórias pelas campanhas e protestos durante a Copa em 2014. Destaco a seguir algumas especificidades dos contextos através dos quais esses nomes ganharam proeminência como símbolos de protesto entre 2013 e 2014, além das ligações que vieram a se desenvolver entre eles.

A Chacina da Maré e Amarildo

A Chacina da Maré ocorreu entre 24 e 25 de junho de 2013. Este evento envolveu uma ocupação noturna da Polícia Militar nas favelas da Maré que resultou entre 9 a 13 mortes de moradores (de acordo com diferentes relatórios),¹¹ passando a ser referida como uma das operações policiais mais violentas na área. Três protestos ocorreram em torno deste caso. Esses protestos aconteceram em um

¹¹ Ver, e.g., i) <https://apublica.org/2013/07/mare-de-terror-rio-de-janeiro-favela-da-mar/>;

ii) <http://redesdaMaré.org.br/blog/noticias/noite-de-terror-na-Maré/>;

iii) <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/06/sobe-para-10-numero-de-mortos-em-operacao-na-mare-no-rio-diz-policia.html>

contexto específico: coincidiram, primeiramente, com um evento preparatório da Copa do Mundo de 2014, denominada da Copa das Confederações de 2013 (Conde; Jazeel, 2013). Em segundo, aconteceram quatro dias após o período mais intenso de protestos em 2013 – a ‘marcha de um milhão’ no Rio em 20 de junho 2013.¹² Terceiro, todos esses acontecimentos ocorreram no contexto recente de *boom* das mídias sociais no Brasil. A mediação intensa em torno desses eventos históricos em curso, e as narrativas e as imagens que saíram da Chacina da Maré, se tornaram mídia viral, especialmente por ter sido desenvolvido e divulgado em um dos núcleos cariocas dos movimentos sociais de favelas e do midiativismo – Maré. A Chacina da Maré envolveu os primeiros protestos dentro de favelas do Rio durante o período histórico de junho de 2013. Naquele momento intenso nas ruas e nas redes, os eventos dessa chacina serviram como um exemplo, tanto concreto, quanto simbólico, de como as práticas de policiamento diferiam do Centro para a periferia no Rio.

O caso de Amarildo, pedreiro de 43 anos citado anteriormente, ocorreu logo após a Chacina da Maré, a partir de 13 de julho de 2013, no mesmo cenário de protesto mencionado. A última manifestação relacionada à Chacina da Maré em 2 de julho 2014, foi um ato com foco ecumênico que reuniu aproximadamente 5.000 pessoas.¹³ Organizado por ONGs e movimentos locais, esse evento foi nomeado de ‘Estado que Mata – Nunca Mais.’ Mas apenas duas semanas após, aconteceu o caso do Amarildo, e logo depois uma nova sequência de protestos sobre o mesmo assunto.

Neste momento, os nomes de Amarildo e da Chacina da Maré passaram a aparecer juntos em textos e práticas de protesto recorrentes. Um exemplo disso foi uma projeção digital feita e fotografada em diferentes locais do Rio, realizada por um coletivo artístico chamado *Coletivo Projetação*.¹⁴ A primeira realização disso foi em julho de 2013, na mesma época e espaço de um acampamento de Ocupa localizado perto da residência do então Governador do Rio, Sergio Cabral – *Ocupa Cabral*. Depois da primeira projeção, reiteraões apareceriam ao longo de 2013 e 2014 em espaços diversos, como pode ser visto na Figura 9. Nesse exemplo, nove meses depois, em abril de 2014, o mesmo texto foi projetado mais uma vez, mas agora em

¹² <https://riomemorias.com.br/memoria/protestos-de-junho-de-2013/>

¹³ <https://rioonwatch.org.br/?p=6904>

¹⁴ https://www.facebook.com/plataformaprojetacao/photos/pb.100064638970972.-2207520000/520156408038311/?type=3&locale=pt_BR

um centro comunitário na Maré, durante a entrada da Força de Pacificação do Exército.



9 Projeção digital por Coletivo Projeção em um centro comunitário da Maré, durante a entrada da Força de Pacificação do Exército, de 4 a 5 de abril de 2014. Fotografia: Jamie Duncan.

A partir de julho de 2013, a campanha em torno do caso Amarildo estabeleceu o precedente de se tornar viral, como nenhum outro caso de um morador de favela ‘desaparecido’ antes. A pergunta que viralizou foi ‘Onde está Amarildo?’ O fato de sua morte ter ocorrido em uma favela pacificada, com os policiais da UPP implicados, fez com que essa campanha se tornasse diretamente ligada as críticas da Copa do Mundo de 2014. O fato do seu desaparecimento coincidir com o auge de protestos em 2013, tornou a história de Amarildo um dos temas centrais desses protestos. Esse processo de tematização foi consolidado por massas de conteúdo produzidas sobre Amarildo, tanto durante um momento de boom nas mídias sociais no Brasil, quanto pela atenção da grande mídia nacional e global,¹⁵ cujas reportagens seguiram a tendência de enquadrar a história num contexto mais amplo, sobre os impactos negativos dos

¹⁵ <https://www.bbc.com/news/world-latin-america-24143780>

mega-eventos no Brasil. Do ponto de vista da mídia global, além do interesse geral por tais mega-eventos, é importante lembrar que este foi o período em que o movimento *Black Lives Matter* (2012-) começou a ganhar atenção, envolvendo questões semelhantes. Significativamente, a *hashtag* *#blacklivesmatter* foi usada pela primeira vez no mesmo mês em que Amarildo foi assassinado, julho de 2013. Em resumo, foi uma convergência desses e outros fatores contextuais mencionados que levaram o nome e a história de Amarildo a se tornar um símbolo de protesto em 2013.

Na textualidade das intervenções de frase feitas sobre Amarildo, há múltiplos exemplos de como um caso se conectou com outros. Um desses exemplos é a frase ‘Onde estão os Amarildos?’ Houve nesse processo uma mudança para a pluralização, reconhecendo que o caso era um entre muitos outros. Através desta pluralização e sua disseminação, o nome de Amarildo começou a aparecer em textos ao lado de nomes de outras pessoas ‘desaparecidas’.¹⁶

Foi nesse processo que, a partir de julho de 2013, o nome do Amarildo começou a aparecer em textos de protestos ao lado do nome da Chacina da Maré (conforme ilustrado na Figura 9). Dessa maneira, Amarildo e a Chacina da Maré tornaram-se o primeiro exemplo dessa agregação de nomes e histórias das favelas do Rio, como símbolos relacionados ao período histórico de protesto em torno de junho de 2013.

No início de 2014, nove meses depois das histórias de Amarildo e da Chacina da Maré, mais um caso de violência policial provocou uma resposta semelhante, de grande repercussão entre os movimentos sociais no Rio. Desta vez envolveu uma mulher chamada Claudia Silva Ferreira. Nesse momento, dois nomes começaram a aparecer juntos novamente, como símbolos de protesto: Amarildo e Cláudia.

¹⁶ https://andradetalis.wordpress.com/wp-content/uploads/2013/08/bra_op-amarildo.jpg



Figura 10 Estêncil de retrato e nomes no Rio em 2014. Fotografia: Jamie Duncan.

Claudia (março de 2014)

O caso do último dos três nomes que apareceu no estêncil anti-Copa, ocorreu no dia 16 de março de 2014. A história da Claudia viralizou de forma semelhante à de Amarildo, por meio de manifestações, mídias sociais e meios de comunicação de massa. No entanto, o conteúdo da mídia teve um papel mais específico neste exemplo de viralização. Evidências da cena da sua morte, capturadas em vídeo por um civil em um telefone celular, foram amplamente distribuídas pelas redes sociais e logo depois apareceu no noticiário nacional. Essas gravações mostraram Claudia sendo arrastada por uma estrada em alta velocidade pendurada na traseira de um veículo policial. Policiais envolvidos, mais tarde, alegaram que estavam salvando-a. Levando-a para o hospital, depois dela ser, supostamente, baleada em um fogo cruzado entre facções. Investigações destacaram, no entanto, como esses mesmos policiais estiveram envolvidos em 69 outros casos de mortes de civis, registrados de forma similar (Rekow, 2015).¹⁷

Claudia era favelada, embora sua morte não tenha ocorrido em uma favela pacificada da UPP. Talvez por isso, ou porque não coincidiu com grandes protestos, como os de junho-julho de 2013, a história de Claudia não atraiu a atenção da mídia

¹⁷ <https://www.estadao.com.br/brasil/pms-presos-por-arrastar-vitima-estao-envolvidos-em-62-acoese-que-resultaram-em-morte/>

global como aconteceu com Amarildo. Mas nacionalmente, a Presidente Dilma Rousseff e o Governador do Rio Sergio Cabral chegam a discutir o caso publicamente. Enquanto isso, nos movimentos sociais do Rio, através de campanhas nas mídias sociais, Claudia tornou-se proeminente de uma maneira semelhante a Amarildo, com protestos em nome dela, diversas *hashtags* virais, além de uma campanha de arte intitulada *100 Vezes Claudia*,¹⁸ onde artistas produziram homenagens visuais à sua história.

Os símbolos de protesto como Amarildo e Claudia funcionam frequentemente como *símbolos de resumo* (Ortner, 1973), ou seja, com pessoas e casos individuais que passam a representar categorias sociais. Se a condensação simbólica envolve experiências acumuladas e relações entre tais experiências, surgem símbolos de resumo dessa condensação, especialmente em momentos limítrofes, como foi o caso em 2013 e 2014 no Rio. Tais símbolos são muitas vezes representados de forma reveladora por retratos visuais (e.g., pintura), especialmente quando produzidos em contextos de movimentos sociais. Esses retratos tendem a aparecer em um espectro representacional, onde, por um lado, há um tipo de realismo visceral (com cenas cotidianas intensificadas por sentimentos de injustiça social), e por outro, imagens mais figurativas, imaginárias e até abstratas. Um espectro assim pode ser visto nos exemplos da campanha *100 Vezes Claudia*. Há retratos bastante tradicionais, mas também outros, onde as características individuais da Claudia parecem ser pluralizadas, re-caracterizadas ou abstraídas, na medida em que a pessoa entextualizada se torna identificável apenas por características sociais genéricas.

Das cem imagens de Claudia, uma representava o sentido de símbolo de resumo de maneira mais específica, por meio de um *dobramento imagético* (Springgay; Irwin; Kind, 2005). Isto é, combinando formas icônicas de arte visual e de inscrição. Faltis (2012) argumenta que, além da intertextualidade, entendida como a “formação do significado de um texto por outros textos”, em tal dobramento imagético, as “... interconexões são entre as imagens na arte e significados derivados de texto verbal” (Faltis, 2012, p. 18). No exemplo em questão, mostrado na Figura 11, um dos retratos pintados de Claudia assume a forma de uma carteira de identidade brasileira padrão. Acima e abaixo da foto de passaporte e

¹⁸ <https://thinkolga.wordpress.com/2014/03/19/100-vezes-claudia/>; <https://thinkolga.wordpress.com/2014/03/22/mais-100-vezes-claudia/>

assinatura (formas imagéticas e escritas associadas à identidade pessoal), pode ser visto também a seguinte frase: 'Sou negra, sou mulher, sou favelada, e não foi um acidente.' A frase conecta uma pessoa com outras, enfatizando as três categorias, referidas interseccionalmente, em argumentos de violência estrutural (Crenshaw, 2017).



Figura 11 Retrato da carteira de identidade da campanha 100 Times Claudia. Fonte: Didi Helene.

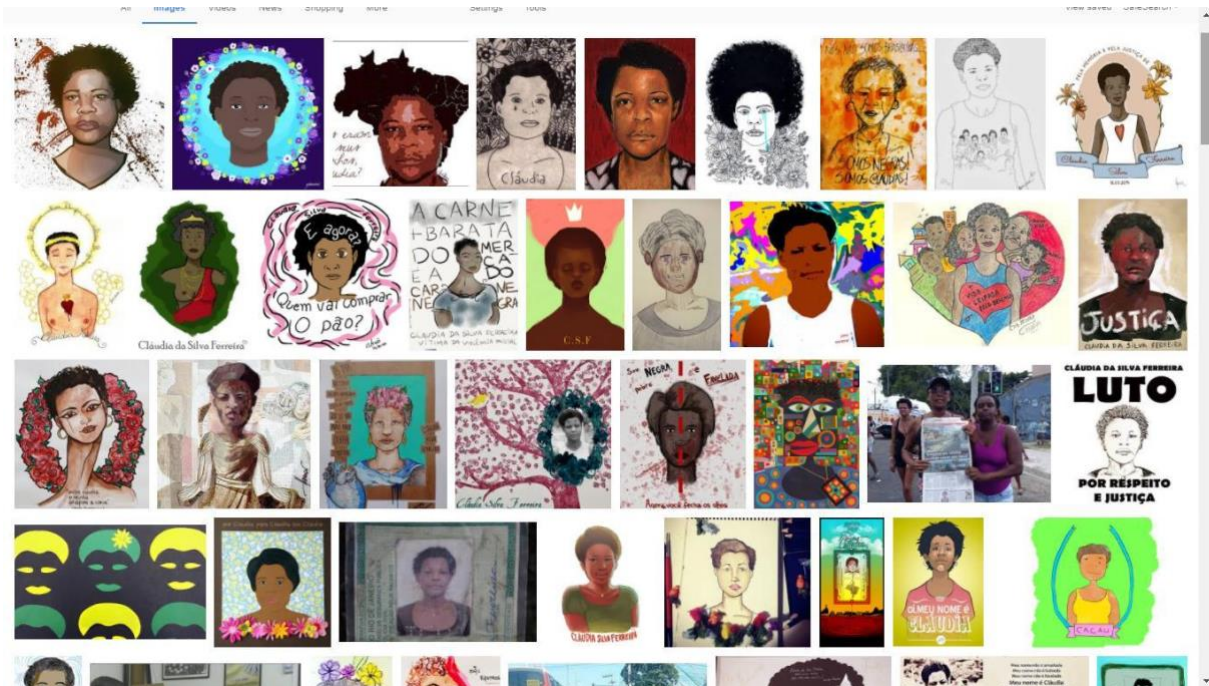


Figura 12 Imagens de 100 vezes Claudia. Fonte: Think Olga.

Das decorações às manifestações anti-Copa

Quando a Copa do Mundo chegou, em 2014, marcou um ano desde os protestos históricos no Rio, em 2013. Também marcou um ano da Chacina da Maré e do desaparecimento de Amarildo.

Tendo ocorrido em 14 de junho de 2014, a decoração anti-Copa nas favelas da Maré tinha tornado-se o primeiro evento, durante o período da Copa, em que os estênceis dos nomes da Chacina da Maré e do Amarildo passaram a aparecer juntos, projetando mais uma vez esses símbolos de protesto. Esses mesmos estênceis seriam reutilizados depois, na mobilização e na realização de uma série de três manifestações contra os impactos da Copa, organizadas por movimentos sociais de favelas, ocorridas de junho a julho de 2014. Todas com o mesmo nome: *A Festa nos Estádios não Vale as Lágrimas nas Favelas*. A primeira foi um evento preparatório, no dia da abertura do torneio; a segunda lembrando a Chacina da Maré; e a terceira, no dia 13 de julho, coincidindo com a final da Copa do Mundo e com o marco de um ano do 'desaparecimento' de Amarildo.

Embora a mobilização desses três protestos tenha envolvido diversas formas de mídia, o primeiro texto mobilizador que encontrei foi uma fotografia do conjunto de estênceis vistos anteriormente na decoração anti-Copa da Maré. Mas, ao invés das

favelas ou da periferia, os estênceis estavam em um bairro na privilegiada Zona Sul do Rio, próximo ao local onde a segunda manifestação ocorreria. Esta fotografia foi utilizada como imagem da capa, para a página de evento no *Facebook*, do protesto.

Depois da publicação desta foto, seguiram-se uma série de fotos com o mesmo design dos estênceis, adicionados a outros nomes (Figura 13). Uma dessas fotos mostrou onze nomes diferentes, incluindo os três anteriores e, somando-se a eles, mais oito nomes, todos organizados visualmente, de forma a fazer uma analogia com um time de futebol. Essa composição reforçou o questionamento central desse conjunto de manifestações, de que os jogos de futebol em curso para a Copa do Mundo de FIFA não valiam o custo de vidas humanas.



Figura 13 Grafite anti-copa. Fonte: Pela Moradia.

A questão crítica e a trajetória desses estênceis foram situadas no ciclo de protestos do qual emergiram – contestando ‘megaeventos’, ‘remoções’ e policiamento de ‘pacificação’ em favelas. Esse ciclo teve, nesse artigo, seu recorte entre 2006 e 2014. Porém, essas questões poderiam ser retrocedidas no tempo, pensando a própria gênese das favelas, e estendidas para depois, no encerramento dos Jogos Olímpicos de 2016, o último megaevento, que coincidiu com uma mudança profunda no cenário econômico e político no Brasil. Tais mudanças incluíram uma nova recessão econômica, um golpe de estado, uma nova política da ultradireita assumindo o poder e, quatro anos depois, a volta do mesmo governo de centro-esquerda que, na ocasião da Copa do Mundo e das Olimpíadas, ocupava as instâncias federais.

Para concluir, observo a pertinência das práticas artísticas, aqui descritas. Seguindo suas trajetórias tornam-se evidente os seus papéis costurando, atualizando e evocando as memórias culturais dos movimentos sociais, e os eventos acumulados que compõem o ciclo de protestos citado. Nesse sentido, mapear tais trajetórias é, ao mesmo tempo, realizar um tipo de resistência contextual, na medida em que essas memórias e artefatos contribuem para leituras mais complexas e menos homogeneizadoras dos acontecimentos históricos, como os associados com 2013, que ainda reverberam, em várias formas no nosso presente.

Referências

ALONSO, A. **Treze: a política de rua de Lula a Dilma**. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

BAKHTIN, M. M. **Rabelais and his world**. Bloomington: Indiana University Press, 1984.

BAKHTIN, M. M. **Speech genres and other late essays**. Austin: University of Texas Press, 1986.

BAUMAN, R.; BRIGGS, C. L. Poetics and performances as critical perspectives on language and social life. **Annual review of anthropology**, v. 19, n. 1, p. 59–88, out. 1990. Disponível em: <https://www.annualreviews.org/content/journals/10.1146/annurev.an.19.100190.000423> Acesso em 31/07/2024.

BOOKCHIN, M. **The next revolution: popular assemblies and the promise of direct democracy**. New York: Verso, 2015.

BOUVARD, M. G. **Revolutionizing motherhood: the mothers of the plaza de mayo**. Wilmington: SR Books, 1994.

BRITO, F.; de OLIVEIRA, P. R. **Até o último homem– visões cariocas da administração armada da vida social**. São Paulo: Boitempo, 2013.

CALIRMAN, C. **Brazilian art under dictatorship: Antonio Manuel, Artur Barrio and Cildo Meireles**. Durham/London: Duke University Press, 2012.

CARLOTTO, M. C., ALTMAN, B. **Junho de 2013: a rebelião fantasma**. São Paulo: Boitempo, 2023.

CARLSSON, B.; H. LOUIE. **Street art: Técnicas e materiais para arte urbana**. Barcelona: Gustavo Gili, 2015.

CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

COLLINS, J. Language, identity, and learning in the era of “expert guided” systems. *In* S. WORTHAM, B. RHYMES (eds.). **Linguistic anthropology of education** Westport: Praeger, 2023, p. 31-60.

CONDE, M., JAZEEL, T. Kicking off in Brazil: manifesting democracy. **Journal of latin american cultural studies**, v. 22, n. 4, p. 437–450, dez. 2013. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13569325.2013.840278>. Acesso em 31/07/2024.

CRENSHAW, K. W. **On intersectionality: essential writings**. New York: The New Press, 2017.

DUNCAN, J. D. I. **Researching protest literacies: literacy as protest in the favelas of Rio de Janeiro**. Abingdon: Routledge, 2021.

DUNCAN, J. D. I. Letramentos de arte-ativismo no percurso da vida: Uma biografia etnográfica da Ítala Isis e Movimento Cidades (in)Visíveis. *In*: COUTINHO, B; LOPES, A.C., FABRÍCIO, B. F.. **A cidade fala: memórias, linguagens e resistências**, 2024 (no prelo).

FALTIS, C. Art and text as living inquiry into anti-immigration discourse. **International journal of multicultural education**, v. 14, n. 2, 24 abr. 2012. Disponível em: <https://ijme-journal.org/index.php/ijme/article/view/499>. Acesso em 31/07/2024.

FAIRCLOUGH, N. **Analysing discourse: textual analysis for social research**. London: Routledge, 2023.

FAULHABER, L., AZEVEDO, L. **SMH 2016: Remoções no Rio de Janeiro Olímpico**. Rio de Janeiro: Morula, 2015.

GOHN, M. G. **Manifestações de junho de 2013 no Brasil e praças dos indignados no mundo**. São Paulo: Vozes, 2014.

HANKS, W. **Intertexts**. New York: Rowman and Littlefield, 2000.

HARVEY, D. et al. **Occupy: movimentos de protesto que tomaram as ruas**. São Paulo: Boitempo, 2012.

JENNINGS, A. et al. **Brasil em jogo: o que fica da Copa e das Olimpíadas?** São Paulo: Boitempo, 2014.

JORNAL O CIDADÃO. A Copa do Mundo: que Decepção!. **Jornal O Cidadão: O Jornal do Bairro Maré**, Mas que tristeza! E agora, eleições!, Rio de Janeiro, ano 8, v. 45, Jun - Set, 2006, p.12-13. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1IbUSRUKjKdhgBhf9jgxLIBYPoyBKHi9j/view>. Acesso em 31/07/2024

JURIS, J. Reflections on #occupy everywhere: social media, public space, and emerging logics of aggregation. **American ethnologist**, v. 39, n. 2, p. 259–279, maio 2012.

KELL, C. 2009. Literacy practices, text/s and meaning making across time and space. *In* M. BAYNHAM, M. PRINSLOO (eds.), **The future of literacy studies**. New York: Palgrave Macmillan, p. 176–199, 2009.

KRESS, G. (2010). **Multimodality: a social semiotic approach to contemporary communication**. Abingdon: Routledge, 2010.

KRESS, G., VAN LEEUWEN, T. **Reading images: the grammar of visual design**. London: Routledge, 1996.

KRISTEVA, J. 1986. **Word, dialogue and novel**. *In* T. MOI (ed.), *The Kristeva reader* (pp. 34– 61). Oxford: Blackwell, 1986.

LIMA, D., BORGES, F., DURANTE, M. (2015). **Copas: 12 cidades em tensão**. Invisíveis Produções/FUNARTE/Ministério da Cultura, 2015.

NOBRE, C. **Mães de Acari: Uma história de luta contra a impunidade**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

ORTNER, S. B. On key symbols. **American anthropologist**, v. 75, n. 5, p. 1338–1346, out. 1973. Disponível em <https://anthrosource.onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1525/aa.1973.75.5.02a00100>. Acesso em 31/07/2024.

REKOW, L. Police, protests, and policy in Rio de Janeiro – Mega-events, networked culture, and the right to the city. *In* FOTH, M; BRYNSKOV, M; OJALA, T. (eds.), **Citizen's right to the digital city**. Singapore: Springer, 2015, p. 119–135.

SAPIR, E. Symbolism. *In* E. R. SELIGMA, A. JOHNSON (eds.), **Encyclopaedia of the social sciences**. Vol. 14. New York: Macmillan, 1934, p. 492–495

SCOLLON, R. Discourse itineraries: Nine processes of resemiotization. *In*: BHATIA, V.; FLOWERDEW, J.; JONES, R. H. (eds.), **Advances in discourse studies**. Abingdon: Routledge, 2008, p. 233–244.

SPRINGGAY, S.; IRWIN, R.; KIND, S. *A/r/tography as living inquiry through art and text*. **Qualitative inquiry**, v. 11, n. 6, p. 897–912, dez. 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1077800405280696>. Acesso em: 31/07/2024.

STREET, B. V. Ethnography of writing and reading. *In*: D. OLSON; N. TOORANCE (eds.), **Cambridge handbook of literacy**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, p. 329–345.

STREET, B. V.; BESNIER, N. Aspects of literacy. *In*: T. INGOLD (ed.), **Companion encyclopedia of anthropology**. London/New York: Routledge, 1994, p. 527–562.

TARROW, S. Cycles of collective action: between moments of madness and the repertoire of contention. **Social science history**, v. 17, n. 2, p. 281–307, 1993. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/1171283>. Acesso em 31/07/2024.

TURNER, V. **The ritual process: structure and anti-structure**. London: Routledge and Kegan Paul, 1969.

VAINER, C. et al. **Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2013.

VAN LEEUWEN, T. Looking good; aesthetics, multimodality and literacy studies. *In*: ROWSELL, J.; PAHL, K. (eds.), **Routledge handbook of literacy studies**. Abingdon: Routledge, 2015, p. 426 - 435.

Sobre o autor

Jamie Duncan é membro afiliado do Centro de Pesquisa em Letramento da Universidade de Lancaster (Inglaterra), onde concluiu seu doutorado em Linguística. Sua pesquisa interdisciplinar é baseada em abordagens etnográficas e históricas sobre letramentos e literaturas em espaços urbanos, incluindo o Rio de Janeiro. Seu livro mais recente é *Researching Protest Literacies: Literacy as Protest in the Favelas of Rio de Janeiro* (2021).

jdiduncan@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-9085-8666>

Recebido em: 31/07/2024

Como citar

DUNCAN, Jamie. Mega-eventos e letramentos de arte-ativismo: Práticas de estêncil, intervenções de frase e interligações entre protestos no Rio de Janeiro. *Revista Estado da Arte, Uberlândia*, v. 5 n. 2, p. 17 – 45, jul. – dez., 2024. <https://doi.org/10.14393/EdA-v5-n2-2024-74664>



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.